

SUA DIVERSÃO CENTRO HISTÓRICO

Para agitar o Pelô

Pelourinho Dia e Noite quer atrair baianos e turistas com novas ações

Thais Borges

thais.borges@redebahia.com.br

Imagine sair do velório de Quincas Berro D'Água e parar no Cabaré da Zazá. Depois, que tal escutar o som de uma orquestra popular e aproveitar um encontro de rodas de samba na Praça da Sé? Como companhias, estão garantidos nomes que vão de Gregório de Matos e Luiz Gonzaga. Por trás desse caldeirão de atividades, está o novo programa Pelourinho Dia e Noite que, reformulado, promete agitar o Centro Histórico todos os dias.

De outubro até dezembro, serão pelo menos 11 atividades culturais por semana, divididas entre apresentações de música, dança, gastronomia, artesanato, fotografia e cinema. Segundo a diretora-geral de Gestão do Centro Histórico, Eliana Pedrosa, a proposta é trazer os nativos para o Pelô.

"Queremos incrementar o fluxo de soteropolitanos, requalificar o imaginário do Centro Histórico e, em seguida, incrementar o fluxo turístico", explica.

Ao todo, serão investidos cerca de R\$ 600 mil em toda a programação, que será inaugurada no dia 5 de outubro. Na ocasião, uma abertura festiva deve percorrer as ruas do Pelourinho apresentando um pouco de cada atração - o prefeiteiro ACM Neto deverá estar presente. Ao longo dos três meses do projeto, a previsão é de que mais de 300 artistas participem ao menos uma vez. Para conferir as atrações, visite o site pelourinhodiaenoi-te.salvador.ba.gov.br.

ARTE E GASTRONOMIA

Um dos destaques será o chamado Circuito Jorge Amado, que vai trazer Quincas Berro D'Água vivo - e morto - às ruas do Centro Histórico toda sexta. O espetáculo vai reproduzir passagens do livro de Jorge Amado. "Começa no velório, sobe as ladeiras e acaba no Cabaré da Zazá, que vai ser dentro da Cantina da Lua", adianta Eliana. De quarta a sábado, grupos de percussão desfilam pelas ruas, do Largo do Pelourinho até o Terreiro de Jesus.

Aos domingos, o teatro se junta à gastronomia no Domingo Gastronômico. Pelo menos 10 restaurantes serão palco para que personagens históricos baianos e nordestinos ganhem vida. Gregório de Matos, Mãe Menininha do



FOTOS DE MARINA SILVA

Entre as reclamações constantes está a da chefe de fila Marilene, que diz que tem medo de voltar para casa à noite, de tão vazio que o Pelô fica



●● Há 25 anos, dava para fazer uma casa com isso aqui. O dinheiro hoje só dá para comer **Luzinete de Jesus**

Trançadeira

Gantóis e Luiz Gonzaga já confirmaram presença. "A programação era uma demanda de comerciantes que viviam dizendo que o Pelourinho estava deserto e sem atração cultural. Como a prefeitura só detém o domínio das praças públicas, tivemos que ter muita criatividade para construir um programa dessa envergadura", completa Eliana.

IMAGEM NEGATIVA

Para quem vive do Pelourinho, as coisas andam mesmo muito difícil. Por enquanto, para a chefe de fila Marilene Rodrigues, 47 anos, o adjetivo "deserto" descreve bem a noite na região. "Eu tenho medo de voltar para casa à noite porque é deserto. Essa imagem de medo é que domina, porque não necessariamente existe motivo, mas o pessoal tem medo de ser assaltado quando caminha até o restaurante".

A trançadeira Luzinete de

Jesus, 47, mais conhecida como Valda, é categórica: "Do jeito que está, não dá para ficar". Em dois anos, ela viu sua clientela diminuir em até 60%. As tranças mais baratas custam R\$ 10 e chegam a R\$ 100, quando faz alongamento capilar. "Tem dias que não faço nenhuma. Quando cheguei, há 25 anos, dava para fazer uma casa com isso aqui. O dinheiro hoje só dá para comer", desabafa Valda, que critica a falta de serviços como banheiros públicos.

Até mesmo estacionar é uma dificuldade. De acordo com a prefeitura, hoje, cerca de 1,2 mil vagas - entre particulares e Zona Azul - estão disponíveis. Mesmo assim, a estrutura recebe muitas críticas. "Tem estacionamento que cobra R\$ 20. Nenhum outro estado do país tem um Centro Histórico como o nosso, mas você não vê gente aqui", lamenta o comerciante Vicente Ferreira.

Ipac vai lançar editais para administração de largos

Fechados desde maio, os Largos Tereza Batista, Quincas Berro D'Água e Pedro Archanjo devem ser reabertos em novembro. De acordo com o Ipac, após o fim das obras de reforma e revitalização, os espaços serão licitados: serão lançados três editais para que produtoras gerenciem os largos, criando uma programação cultural.

As intervenções começaram no início deste mês e, de acordo com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), têm previsão de durar três meses. "Os Largos do Pelourinho terão rotas de fuga, guarda-corpos adequados e todas as especificações de segurança exigidas pelas legislações vigentes", afirmou o diretor de Projetos, Obras e Restauro do Ipac, Felipe Musse, durante anúncio das obras.

Os largos foram fechados emergencialmente após serem condenados pelo Corpo de Bombeiros. Os espaços estão passando por reforma e revitalização para atender aos shows e as atrações do Verão 2017/2018. "O projeto foi apresentado ao Corpo de Bombeiros, que aprovou as soluções", disse Musse. Serão investidos cerca de R\$ 1,5 milhão nos três largos, incluindo a reforma elétrica, com uma grande subestação para um quarteirão inteiro.

De acordo com o presidente da Associação de Comerciantes do Pelourinho (Acope-lô), Clarindo Silva, o movimento caiu 50% comparado aos meses em que os largos estavam funcionando. "O fechamento das três praças de uma vez traz prejuízo porque muitos baianos só vêm ao Pelourinho em eventos", disse.

Maioria dos baianos só vai ao local levar visitantes

Cerca de 58% dos baianos que vão ao Centro Histórico têm apenas um objetivo: acompanhar um forasteiro numa visita. Foi o que mostrou uma pesquisa da Associação de Comerciantes do Pelourinho (Acope-lô). O restante se divide entre os 24% que aportam lá nos grandes eventos e os 18% que são os que vivem do bairro, de alguma forma. Os números são de 2015, mas, segundo o presidente da entidade, Clarindo

Silva, não poderiam ser mais atuais. "Acho muito importante esses eventos, porque o Pelourinho está sangrando. Precisamos de uma campanha para que o baiano se aproprie desse lugar". Para ele, a região ganhou um estigma injusto de local violento. Com a queda no movimento (ele estima uma redução de 30% em dois anos), 186 estabelecimentos fecharam as portas no Pelourinho, nos últimos seis anos.